

Reflexões sobre o Pensamento de Allan Kardec

Profa. Dra. Ceres de Carvalho Medina
Pontifícia Universidade Católica - SP

O movimento liminar da passagem da natureza à cultura a partir da qual o Homem tem como sua constante antropológica a construção do diverso, tem sido reconhecido pelo utensílio, pelo cérebro, pela linguagem, pela regra, pela religião.

Considerando a profundidade da presença da morte durante a vida, Morin (1970) reconheceu nela, até agora negligenciada pelas ciências do homem, o elemento que “introduz entre o homem e o animal uma solução de continuidade mais pronunciada ainda que o utensílio, o cérebro e a linguagem”. Assim, ao passaporte de humanidade tido como válido, científico, racional e evidente que é o utensílio, Morin acrescenta o passaporte sentimental que é a sepultura.

Incontestavelmente universal, mas caracteristicamente humana e cultural nos seus significados, a morte, equável na sua natureza, é indiferente a todo e qualquer critério diferenciador dos homens: raça, cultura, língua, beleza, riqueza, saber.

Diante desta condição humana Bobbio (1997) se surpreende com a pouca importância que a maioria das sociedades atribui à morte como possível critério definidor da diferença ou não em um para além da morte. Embora, considere a morte o fim absoluto de seu singular, Bobbio, sem querer ser definitivo, pergunta a quem crê na continuidade da vida após a morte: Outra vida? Qual? Como a representa? O outro mundo é o lugar da justiça divina que premia os bons e castiga os maus? É o lugar de reencontros para pais e filhos, amigos, de reviver tempos felizes para os amantes e de perdão para os inimigos?

Este trabalho, sem ter como objetivo responder a estas indagações é um esforço para entender, a partir do universal da morte, as influências no pensamento de Allan Kardec (1946), um daqueles que se perguntou - Após a morte o que seremos? Estaremos pior ou melhor? Existiremos, viveremos eternamente? – e acreditou em um para além da morte e disse da particularidade do seu outro mundo. Não um mundo de mortos, mas um mundo de vivos mesmo após a morte, um mundo de espíritos.

Denisard Hippolyte Léon Rivail, (que assinou sob o pseudônimo de Allan Kardec toda a sua produção sobre a doutrina espírita) nasceu nos primeiros anos do XIX, em 1804, na cidade francesa de Lyon cujo desenvolvimento industrial estava ligado ao trabalho com a seda (introduzida ainda no século XVIII pelos italianos), comercialmente ativa (favorecida pela sua localização entre os rios Saone e Rhône), palco das insurreições contra a ditadura jacobina em 1793, era ao mesmo tempo cercada de aura mística. À época, a aura era devida por abrigar a Sociedade Mesmerista La Concorde, da qual participavam “rosacruzês, swedenborguianos, cabalistas, alquimistas e teósofos variados, largamente recrutados entre a Ordre des Chevaliers Bienfaisants de la Cite, de caráter maçônico”.(Darnton: 1988,67).

Da infância de Denisard são poucas as referências. Além de seu registro de batismo na Igreja de Saint Denis de la Croix Russe, em 1805, sabe-se que seus primeiros estudos foram realizados, ainda, em Lyon. Contudo, aos dez anos de idade, pela situação deteriorada do sistema educacional francês em função de guerras e revoluções que consumiam as poucas verbas públicas existentes, Denisard, por decisão de seus pais, foi estudar na Suíça, no Instituto de Yverdon sob direção de João Henrique Pestalozzi. Na ocasião a escola abrigava setenta e oito alunos dos quais parte era de estrangeiros, ou seja, de não suíços chegados da América, da Alemanha, da Rússia, Itália, Espanha e França.

Para Denisard a presença múltipla de nacionalidades fazia da existência em Yverdun um compromisso obrigatório com a pluralidade de línguas, etnias, hábitos, crenças e valores culturais. Mais que um esforço de adaptação e aprendizagem, o contato contínuo com a diferença cultural era uma experiência de vida. Este cotidiano orientado pelas idéias de Rousseau que em sua obra compatibilizou, segundo Lévi-Strauss (1976,51) “o eu e o outro, minha sociedade e as outras sociedades, a natureza e a cultura, o sensível e o racional, a humanidade e a vida”, marcariam a formação de Denisard, relativizariam suas certezas e minimizariam seus preconceitos. Anos mais tarde em um trabalho, já sob a assinatura de Allan Kardec (1952), escreveria sobre o convívio e o respeito à diferença:” é o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que exprimimos pudessem receber integral aplicação”.

A importância do Instituto na vida de Denisard, como podemos compreender, não se reduziu ao espaço do estudo formal, a uma formação

humanística, crítica que contribuiriam para seu futuro pedagógico. Na verdade, os embates político-religiosos refletiam-se internamente entre professores e Pestalozzi, e acabavam por envolver os alunos. Nos inícios de 1814, momento em que se impunha aos homens de estado a revisão constitucional, se achavam em confronto o partido conservador, cuja proposta era a de restabelecer, tanto quanto possível, as instituições do século XVIII, e aqueles que, favoráveis ao progresso se esforçavam em manter as conquistas do período revolucionário.

A rejeição às inovações que respondiam às aspirações democráticas não estava restritas ao domínio político. No religioso, a Igreja Reformada e a Católica disputavam o espaço com o racionalismo reinante se esforçando, não sem sucesso, para retomar a vida espiritual e recuperar a influência sobre os adeptos perdidos em razão da fé autoritária e da vida sem religiosidade vivenciadas pelas e nas Igrejas submetidas ao estado. Emerge, então na Suíça, um movimento místico protestante conhecido como Reveil, fundado sobre a idéia do reavivamento da fé pessoal, e que defendia a liberdade de crença e culto.

Ao Instituto de Yverdun o Reveil chega por meio de seus professores calvinistas que, em nome da revificação da fé protestante passam a se opor a Pestalozzi que, embora pertencesse à Igreja Reformada relativizava a importância atribuída à Bíblia, assim como, não aceitava dogmas, particularmente, os do pecado original, da graça e da redenção, orientava sua conduta por princípios de um cristianismo racionalista e por princípios éticos e morais que o impediam de ser intolerante para com a crença do outro. Confiantes, em nome da fé, no dever de lutar contra aquele que não consideravam um verdadeiro cristão, professores do Instituto participantes do Reveil desencadeavam ataques a Pestalozzi ao afirmar, publicamente, que o ensino religioso no colégio não seguia os preceitos da Igreja Reformada, inspirava os alunos um ânimo anti-cristão, ódio às autoridades, crítica radical às instituições sociais, além de estimular idéias revolucionárias. Tais crises religiosas que mostravam nítidos contornos políticos, abalavam a estabilidade do Instituto. Em 1823 os últimos estudantes deixavam Yverdun. Mesmo ano em que Denisard fixava residência em Paris onde dedicou-se, durante aproximadamente trinta anos, ao magistério, às publicações de obras pedagógicas e aos projetos educacionais do Ministério da Educação da França.

Na segunda metade do século XIX, porém, os jornais europeus abriam espaço para notícias sobre fenômenos insólitos: mesas que se moviam sem justificativa aparente, sons misteriosos e batidas ritmadas de origens invisíveis, mas, que sugeriam formas de comunicação. Denisard em um trabalho sobre educação pública comentava, também, que aquele que tivesse preocupações científicas rir-se-ia da credulidade dos supersticiosos e ignorantes, não acreditaria em espectros e fantasmas e não aceitaria fogos fátuos por espíritos, mas, em nome daquela mesma ciência, afirmava não poder se furtar à investigação diante de fatos que exigiam comprovação.

Em 1865, pela primeira vez, Denisard presenciava experiências com mesas que giravam, saltavam, moviam-se rapidamente. Inicialmente, visto com curiosidade e até mesmo como divertimento, o fenômeno aos poucos se impôs como objeto de investigação. Era o ponto de partida para a pesquisa de fatos a que Paris assistia estupefata desde 1846, e sobre os quais a Gazeta de Augsburg, na Alemanha de 1853, publicava um relatório médico sobre suas experiências na área. A partir destas pesquisas Denisard, agora como Allan Kardec, publica entre os anos de 1857 e 1864 “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese”, “O Evangelho segundo o Espiritismo” e a “Revista Espírita”.

Sobre o conjunto desta obra que define o Espiritismo como ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo, Kardec (1952) escreve: “Três períodos distintos apresentam o desenvolvimento dessas idéias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das conseqüências. O período da curiosidade passou;...começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente”. O terceiro período a que Kardec se referia é aquele em que, por meio do Espiritismo, a humanidade atingiria o progresso moral. À idéia de progresso, por sua vez, Kardec articula a de evolução humana cujo processo lento, gradual e constante caminha na direção da humanização crescente, e, necessariamente da ascendente espiritualização.

Ao caráter de possível e necessária ascendência da evolução espiritual, Kardec vincula as concepções de livre arbítrio e da reencarnação, fundamentais na doutrina espírita. A reencarnação, segundo o próprio autor, tem como fonte não as filosofias da Antiguidade, as crenças hindus ou as do Egito que admitiam a metempsicose, mas sim, a teoria druídica da migração das almas.

O mergulho no tempo em direção ao universo simbólico druídico e à incorporação de algumas de suas idéias ao corpo doutrinário espírita foi facilitada pelo movimento neocéltico, parte do romantismo que envolveu a França do XIX. Partindo de um movimento anterior de curiosidade arqueológica e de ideologia diletante, ele se transforma naquele período em um movimento de renovação psíquica e de síntese nacional. Conforme Édouard Schuré (1921), buscava-se nas fontes do passado celta as respostas para a nova geração de intelectuais que, mais que uma teoria da história ou uma fantasia da arte, ansiava por um reconforto moral, um estímulo para uma vida melhor. O celtismo apresentava-se como uma inspiração estética e musical cujos moldes deviam ser renovados pelo poder da vida interior e pela percepção da alma, uma inspiração religiosa e filosófica contra o materialismo, reducionista e negador, e contra o dogmatismo estreito e agnóstico da Igreja oficial que se opunha a uma ampla interpretação das religiões antigas e das verdades cristãs, uma inspiração social, não para a arregimentação do homem e da humanidade, talhados por um único padrão, mas pela liberdade individual e pelo aprofundamento da psique humana que conduzisse à universalidade e à concepção harmônica do cosmo”.

Este conjunto de fatos, idéias e recortes no tempo, na busca de sua verdade, demonstram que o pensamento de Allan Kardec se construiu em um momento especialmente dinâmico do ponto de vista político e cultural. O século XIX, no qual transcorreu sua vida, mostrou faces contraditórias. Entre as conseqüências sociais profundas da Revolução Francesa, aos efeitos não menos profundos da Revolução Industrial, e a formação do Império Napoleônico com suas amplas marchas e contramarchas políticas se deu a construção da moderna ciência e o ensejo do surgimento, ou ressurgimento, de movimentos de caráter místico e utópico marcados profundamente pelo ideário romântico. Colhido nesta malha contraditória, Kardec responde aos desafios de seu tempo: desenvolve um trabalho que pretendia ser uma nova ciência positiva, pois que repousava em fatos rejeitando especulações embora se debruçasse atentamente sobre os fenômenos ditos místicos. Recusando a aceitação a priori de tais fenômenos encara-os, inicialmente, munido de ferramentas da ciência: observação criteriosa, análise e teorização. Convencido da realidade desses fenômenos, paulatinamente compões uma obra que se encaminha para o campo da filosofia e o da filosofia moral. A adesão à ciência era garantida por meio da dúvida persistente, mas que não incidia mais sobre a realidade mesma do campo.

Suas fontes de reflexão podem ser encontradas na Antiguidade tanto quanto no pensamento do século XVIII e do XIX. Os autores que lhe deixaram marcas foram Platão, Santo Agostinho, Descartes, Rousseau, o próprio Comte, além de Pestalozzi. Teoricamente as idéias kardequianas fundamentam-se na física clássica, buscavam leis naturais determinantes da manifestação do seu objeto, defendiam para o mesmo, relações estritas de causa e efeito, compreendiam sua evolução através de um tempo linear e pretendiam descrevê-las objetivamente. Contudo, as noções de livre arbítrio e reencarnação, introduzem no pensamento de Kardec uma dimensão relativizadora e uma possibilidade de incertezas para as quais o paradigma adotado se mostra insuficiente.

Dadas a natureza dessa reflexão, apenas esboçamos no pensamento de Kardec os fundamentos que o estruturam, a noção de ciência que o orienta, os procedimentos teórico, metodológico e conceitual que o articulam e dão forma, bem como as vias filosóficas que o influenciam. Para finalizar, porém, são necessárias algumas considerações sobre a morte, na medida em que ela é o pano de fundo sobre o qual os fundamentos doutrinários espíritas se estabelecem.

Kardec em sua obra não se detém de modo particular em discussões relativas à morte, mas, o tema se impõe como pressuposto de seu objeto – pois, o espírito define-se, enquanto tal, a partir da ocorrência da morte – tornando-se implícito às suas reflexões. Os próprios fundamentos estabelecidos para o Espiritismo: sobrevivência, preservação da individualidade do espírito após a morte e reencarnação – exigem uma concepção específica a cerca da morte e da natureza humana e suscitam questões, até então atribuídas ao campo da filosofia: quem somos, porque morremos, e principalmente o que é a morte. (Granja: 1948). Desta forma, a morte conjuntamente com o conceito de espírito adquire centralidade na obra de Kardec contribuindo para a dimensão filosófica de sua obra.

Definida como um estado absolutamente exclusivo da vida, a morte, no pensamento espírita refere-se apenas ao corpo. Para a alma (espírito encarnado) pela sua intemporalidade a morte é apenas um momento de passagem acompanhado da mudança de lugar e de condição. Despida “de seu invólucro carnal”, a alma nomeada então espírito afasta-se do seu grupo social, e passa a experienciar uma fase transitória em que vive uma situação ambígua na qual não percebe mais seus atributos materiais e culturais, mas que não reconhece, aqueles do mundo espiritual.

Enquanto entidade liminar, mas não sacralizada – contrariamente ao que quer Van Gennep (1987), para o transitante – o espírito fica em repouso, adormecido e inconsciente. Recuperado em suas energias toma consciência de sua condição de desencarnado e reintegra-se à dimensão espiritual.

A partir de então, em estado relativamente estável o espírito terá, dependendo de seu grau de evolução, momentos de consciência, mais ou menos amplos, que lhe permitirão lembrar de sua vida e sua morte, e compreender, seus sentidos. Vale chamar atenção para o fato de que, os estados de consciência, ao se tornarem cada vez mais ampliados, não recuperarão apenas momentos da última vida e morte, mas, também, de encarnações anteriores, restabelecendo-se os nexos entre elas. Os estados de consciência, portanto, são sempre dotados de intencionalidade, ou seja, nunca serão acionados se não contribuírem para o aprendizado e a conseqüente evolução do espírito.

Reduzida a morte, portanto, apenas a um estado de liminaridade, a um momento de passagem, sem significado definitivo para o espírito, no universo espírita, na verdade, só existe vida. Em analogia Van Gennep viver no caso, é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente.

Dessa reflexão, identifica-se no pensamento de Allan Kardec a idéia de separação entre corpo e alma como básica para o desenvolvimento das concepções de sobrevivência, consciência, independência e intemporalidade do espírito. É por meio dela que o espírito livre dos limites corporais, despido das ilusões criadas pelos sentidos da matéria, apreende o real significado dos fatos, desvenda a verdadeira dimensão das relações e... sempre da vida. No desenvolvimento, portanto, daquelas potencialidades reside o próprio conhecimento que lentamente adquirido por meio das sucessivas reencarnações, se acumula no espírito. Como no Fédon, em que Platão (1920) afirma ser reflexão filosófica a busca da verdade e que o verdadeiro filósofo prepara-se durante toda sua vida para morrer e para a morte, também Kardec procura com sua obra inspirar a transformação dos que acreditam em seus ensinamentos estimulando-os para uma vida que privilegie o que o Homem realmente é: espírito encarnado. Dessa ótica a realidade estudada por Kardec não lhe é externa.

Referências Bibliográficas

BOBBIO, Norberto - O Tempo da Memória. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

DARNTON, Robert – O Lado Oculto da Revolução. São Paulo, Ed. Cia das Letras, 1988.

GRANJA, Pedro – Afinal quem somos?, S/ed. 1948

KARDEC, Allan – O Céu e o Inferno, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1946.

- O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1952.

LÉVI-STRAUSS, Claude – Jean Jacques Rousseau, Fundador das Ciências do Homem. In Lévi-

Strauss, Claude. Antropologia Estrutural II, Rio de Janeiro, Bibliot.

Tempo Universitário, 1976.

MORIN, Edgar – O Homem e a Morte.. Portugal, Europa-América, 1970.

PLATÃO - Fédon: diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates. Portugal, Renasc. Portuguesa, 1920.

SCHURÉ, Édouard- L'âme Celtique et la Génie de la France á travers les Âges. Paris, Prion, 1921.

VAN GENNEP, Arnold – Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.